

Breve estudo comparativo sobre a reflexão socialista de Léon Denis e Manuel Porteiro

Ricardo Nunes

INTRODUÇÃO

Ao século XIX coube a honra de ver o surgimento de duas poderosas filosofias, as quais iriam influenciar profundamente o século seguinte: O Espiritismo e o Marxismo. Curiosamente o ano de 1848 foi determinante para estas duas doutrinas filosóficas, uma vez que é justamente no referido ano que surge o famoso manifesto comunista de Marx e Engels, sendo que, na mesma data, no vilarejo de Hydesville, Estado de Nova York, se estabelece a comunicação dos espíritos com os homens na era moderna, através das irmãs fox.

Marxismo e Espiritismo, filosofias com pretensões científicas, verdadeiramente revolucionárias no que tange a compreensão do homem e do mundo, doutrinas de ruptura com o passado, tanto no que diz respeito a um inédito entendimento da vida do homem em sociedade em seus aspectos políticos, econômicos e sociais, quanto no que se refere a uma nova concepção da natureza humana, na qual, o aspecto espiritual, é positivamente demonstrado e reconhecido como componente essencial do ser.

O Espiritismo teve um início retumbante em seus primórdios, fez com que homens de saber, de alto gabarito intelectual se debruçassem sobre suas teses. Graças ao Espiritismo surgiram novas disciplinas científicas como a metapsíquica e a parapsicologia, no entanto, por várias razões, após as primeiras décadas do século XX, o Espiritismo, como movimento de idéias científicas e filosóficas, teve seu refluxo no panorama cultural da humanidade.

O Marxismo, também surgido com imenso brilhantismo, teve um percurso igualmente intenso na história do século XX. Após Marx acontece a revolução proletária na Rússia de 1917, sendo que a partir deste momento até a queda do muro de Berlim no final da década de 1980, o Marxismo, especificamente, e o socialismo, de forma geral, tomaram conta das especulações filosóficas e políticas de grande parte dos intelectuais do século.

Marxismo e Espiritismo, no entanto, continuam sendo necessários à reflexão filosófica na atualidade, pois em muitos aspectos ainda oferecem uma contribuição importante para a cultura contemporânea, sendo que no caso do socialismo, apesar dos seus desvios totalitários, ainda há uma crítica interessante e profunda às sociedades que giram em torno do egoísmo do capital, bem como, no caso do Espiritismo, faz-se necessário resgatar a sua essência científica e filosófica, a qual quase desaparece dentro dos modelos judaico-cristão, materialista e agnóstico dos diversos segmentos religiosos e culturais das sociedades contemporâneas.

Considerando que ambas as filosofias nasceram na segunda metade do século XIX e tiveram imensa repercussão no século XX, pretendemos, através deste trabalho, analisar a posição do Espiritismo face ao Marxismo, a partir da ótica de dois consagrados autores espíritas: Léon Denis e Manuel Porteiro.

Denis e Porteiro trataram sobre o tema Socialismo e Espiritismo, visando conhecer e precisar a relação específica existente entre essas duas filosofias, bem como buscaram distinguir convergências e divergências entre ambas as visões de mundo. Trata-se de um estudo interessante, pois teremos oportunidade de abordar temas altamente polêmicos com a tese da luta de classes, do materialismo histórico, a questão revolucionária, a questão da relação entre a reencarnação e as desigualdades sociais, bem como outros temas relevantes.

Veremos, igualmente, que Denis e Porteiro possuem em alguns pontos opiniões divergentes em relação a certos temas do socialismo, possuindo, portanto, visões distintas e bem definidas, o que traz a este estudo um grau de interesse ainda maior segundo nosso ponto de vista.

Outro objetivo deste estudo é demonstrar que autores espíritas importantes como Léon Denis e Manuel Porteiro não estavam indiferentes ao mundo que os cercava, e procuraram estabelecer uma reflexão espírita sobre as questões de sua época, o que possibilitou ao Espiritismo ter uma visão atualizada sobre temas importantes que eram debatidos no período histórico dos mencionados autores.

Finalmente, o presente trabalho também tem por objetivo, levantar uma discussão sobre a temática social, pois nós, espíritas do mundo contemporâneo, não podemos ignorar nossas responsabilidades perante um mundo que sofre com as desigualdades sociais, a miséria e a fome, um mundo em que as mercadorias valem mais que os homens, em que os valores do ter sobrepujam e esmagam os valores do ser.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS E ALGUMAS QUESTÕES SOCIAIS

Discorreremos sobre algumas questões sociais abordadas na principal obra do edifício doutrinário espírita, para termos algumas idéias preliminares de como tais questões foram abordadas nos inícios da doutrina espírita no mundo, a fim de que possamos desenvolver nosso trabalho com algumas diretrizes bem estabelecidas.

Veremos que a questão social foi bem debatida em *O Livro dos Espíritos*, principalmente nos capítulos referentes às leis morais, das quais destacamos quatro leis, as quais, segundo nosso ponto de vista, são fundamentais para entendermos a visão espírita de sociedade, são elas: As leis do progresso, da igualdade, da liberdade, e da justiça, amor e caridade.

Segundo a lei de progresso proposta pelo Espiritismo, os povos e as nações evoluem tanto no sentido intelectual quanto no aspecto moral ao longo do processo histórico, sendo que tal evolução não se dá de forma abrupta, mas sim gradativa, neste sentido afirmam os espíritos que auxiliaram Allan Kardec na formulação da filosofia espírita: *“O progresso completo é o alvo a atingir, mas os povos, como os indivíduos, não chegam a ele senão passo a passo. Até que tenham desenvolvido o senso moral eles podem servir-se da inteligência para fazer o mal. A moral e a inteligência são duas forças que não se equilibram senão com o tempo”*.(L.E. questão 780b)

Interessante observarmos que os espíritos consideram que a civilização é um progresso, porém um progresso ainda incompleto, pois segundo eles *“... o homem não passa subitamente da infância à maturidade”* (L.E. questão 790). No entanto, são otimistas em relação ao futuro da humanidade, a qual, segundo eles, ficará um dia livre dos males originados pela civilização, o que ocorrerá quando *“a moral estiver tão desenvolvida quanto à inteligência”* (L.E. questão 791).

Afirmam, ainda, os instrutores espirituais, que a própria legislação humana irá passando por processos de aperfeiçoamento, encaminhando-se, pouco a pouco, para as concepções de direito natural, ou seja, daquele direito que está inscrito na consciência humana, o que propiciará à humanidade legislações mais estáveis em razão de serem mais justas.

“Nos tempos de barbárie são os mais fortes que fazem as leis, e as fazem em seu favor. Há necessidade de modifica-las à medida que os homens vão melhor compreendendo a justiça. As leis humanas são mais estáveis à medida que se aproximam da verdadeira justiça, quer dizer, à medida que são feitas para todos e se identificam com a lei natural” (L.E. questão 795).

Segundo a lei de igualdade proposta em *O Livro dos Espíritos*, todos os homens são iguais perante Deus, pois *“todos tendem para o mesmo fim e Deus fez as suas leis para todos”* (L.E. questão 803), sendo que ainda aprendemos, na referida obra, que a desigualdade das condições sociais não é obra de Deus, e sim do homem, e que esta desigualdade desaparecerá um dia, pois *“Só as leis de Deus são eternas. Não as vês (as desigualdade sociais) desaparecer pouco a pouco, todos os dias? Essa desigualdade desaparecerá juntamente com a predominância do orgulho e do egoísmo, restando tão somente a desigualdade do mérito. Chegará um dia em que os membros da grande família dos filhos de Deus não mais se olharão como de sangue mais ou*

menos puro, pois somente o espírito é mais puro ou menos puro, e isso não depende da posição social” (L.E. questão 806 a).

Kardec chega a perguntar aos espíritos se a desigualdade das riquezas não tem sua origem na desigualdade das faculdades humanas, a esta pergunta respondem eles *“Sim e não. Que dizes da astúcia e do roubo?”* (L.E. questão 808).

No entanto, afirmam que a igualdade absoluta das riquezas é impossível, pois a isso se opõe a diversidade das faculdades e caracteres humanos, afirmam, ainda, os espíritos, que aqueles homens que defendem esta tese *“são sistemáticos ou ambiciosos e invejosos. Não compreendem que a igualdade seria logo rompida pela própria força das coisas. Combatei o egoísmo, pois essa é a vossa chaga social, e não correi atrás de quimeras”* (L.E. questão 811 a).

No capítulo referente à lei de liberdade o Espiritismo tem como um de seus postulados fundamentais a liberdade de pensamento e de consciência, o que faz com que a doutrina espírita seja essencialmente democrática e contrária a qualquer tipo de autoritarismo ou opressão tanto do Estado organizado, quanto de setores sociais, ou indivíduos, que tenham por objetivo o cerceamento de tais liberdades.

Finalmente, no capítulo referente à lei de justiça, amor e caridade, constatamos a categórica afirmação que a propriedade é um direito legítimo do homem, no entanto, também observamos a importante ressalva, cuja finalidade é esclarecer que, só é propriedade legítima, aquela que foi adquirida sem prejuízo dos outros.

Neste sentido comenta Kardec: *“Aquilo que o homem ajunta por um trabalho honesto é uma propriedade legítima, que ele tem o direito de defender. Porque a propriedade que é fruto do trabalho constitui um direito natural, tão sagrado como o de trabalhar e viver”*. (L.E. questão 882)

O SOCIALISMO: INFORMAÇÕES FUNDAMENTAIS

No campo do pensamento político a idéia socialista tomou conta do século XX, mas esta idéia não se restringiu somente aos debates dos filósofos, ela tentou encarnar-se na história através de diversos regimes políticos que reivindicaram seus ideais de igualdade entre os homens.

A Revolução Russa de 1917 é a primeira experiência de governo socialista na história, Lênin e seus companheiros revolucionários, entre eles Trotski e Stalin, tentaram implantar em uma Rússia, quase feudal, as teses de Karl Marx.

Surge desta revolução a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, império colossal, que polarizou o mundo com os Estados Unidos da América do Norte em todo o século XX, que disputou o planeta palmo a palmo com a potência americana.

Nos dias de hoje pós-queda do muro de Berlim, pós-desintegração da própria União Soviética é difícil para alguns imaginar o quanto de poder real e imaginário exerceu a grande potencia socialista no mundo.

Ela representava, para muitos, um farol que iluminava os destinos da humanidade para um futuro mais fraterno e solidário, muitos comunistas sinceros, antes de conhecer os métodos antidemocráticos de Lênin na condução do partido bolchevique, os desmandos totalitários e cruéis de Stalin, a repressão à liberdade de expressão da era de Brezhnev, olhavam, para a grande potência socialista, com os olhos da esperança de que ela realmente representava um novo caminho em direção a um mundo melhor.

Segundo o historiador francês François Furet em sua erudita obra *“O passado de uma ilusão”*, esta esperança ou *“ilusão”* não atingia apenas os trabalhadores simples e sem instrução, atingiu ela grandes intelectuais em todo o mundo, os quais viam a Rússia revolucionária com aprovação ou pelo menos simpatia.

Tanto isto é verdade que o ideal da revolução russa se expandiu e deu a volta ao mundo, provocando inúmeras revoluções ou, no mínimo, simpatias que se inspiravam em seu exemplo, basta lembrarmos os exemplos de Cuba, Vietnã e China, ou então nos recordarmos que todo o leste Europeu, após a segunda guerra mundial, ficou sobre a influência ideológica e militar da União Soviética, bem como não podemos esquecer que a Europa ocidental, livre e democrática, teve partidos comunistas muito fortes, como por exemplo, o Partido Comunista Italiano, sendo que na Espanha, à época da guerra civil espanhola, entre os republicanos, havia muitos comunistas que defendiam a causa republicana contra o fascismo de Franco.

Em todos os continentes havia simpatizantes da causa comunista o que fez do século XX, um século de conflito ideológico entre as idéias capitalista e socialista, sendo que tal conflito terminou há poucos anos com a queda do muro de Berlim e com o conseqüente término do chamado socialismo real.

As idéias de igualdade social não são novas no mundo moderno, a revolução francesa de 1789, já tinha, à época, o seguinte lema: liberdade, igualdade e fraternidade, bem como antes de Karl Marx, já existiam pensadores que refletiam sobre um novo tipo de sociedade, uma nova forma de organização social.

Entre estes pensadores merecem destaque os chamados “socialistas utópicos”, os quais enfatizaram a necessidade de reformas sociais, são seus principais representantes: Claude Henri de Saint Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837) e Pierre Joseph Proudhon (1809-1865).

Saint Simon foi um dos primeiros pensadores sociais a perceber o surgimento da sociedade industrial, para este pensador, a história é regida pela lei de progresso, não sendo tal progresso, no entanto, linear, pois a história, segundo seu ponto de vista, passa pela alternância de períodos que chamou de orgânicos e críticos.

Nos períodos orgânicos os princípios adotados por uma sociedade são sólidos e bem aceitos pela generalidade das pessoas e instituições sociais, o que propicia que uma determinada sociedade se desenvolva baseada em tais princípios, os quais constituem os fundamentos da ordem social.

Já as épocas críticas são aqueles momentos históricos em que tais princípios são questionados e colocados por terra, invalidando, assim, aqueles princípios (idéias, valores ou conhecimentos), os quais, por muito tempo, serviram de fundamento à antiga ordem da sociedade.

Nesta linha de raciocínio, o monoteísmo colocou em cheque a época orgânica do politeísmo, e a Reforma, a Revolução Francesa e o desenvolvimento da ciência, colocaram em cheque a época orgânica da Idade Média.

Sendo assim, na época moderna, segundo Saint Simon, o poder espiritual será dos homens de ciência, os quais com seus conhecimentos podem predizer o maior número de coisas, e o poder temporal pertencerá aos industriais, que são os empreendedores dos trabalhos pacíficos; neste sentido, é bom lembrar, que na Idade Média o poder espiritual pertencia ao clero e o temporal estava nas mãos dos guerreiros.

Charles Fourier, discípulo de Saint Simon, também tem idéias sociais interessantes, dentre elas destacamos a sua crítica ao regime de livre concorrência onde cada qual só pensa no seu próprio interesse, o que acaba gerando, por conseqüência, o aumento da miséria da comunidade apesar do paradoxo da maior disponibilidade de bens. Outra idéia de Fourier, que merece ser destacada, é a que diz respeito aos falanstérios, unidades agrícola-industriais comunitárias, onde cada qual encontraria meios de realização pessoal desde o campo profissional até a esfera da sexualidade e da afetividade.

Por derradeiro falaremos de Proudhon, o qual disse em alto e bom som para toda a burguesia européia que “a propriedade privada é um furto”, isto porque, em sua opinião, o capitalista não remunera o trabalhador com o valor integral de seu trabalho, tendo observado, ainda, que o trabalho coletivo gera uma produtividade muito maior do que aquela que seria obtida com a

soma dos trabalhos individuais dos operários, sendo assim, o capitalista se apropria do valor resultante do trabalho coletivo.

Finalmente falaremos um pouco de Karl Marx, o qual pretende que seu socialismo seja científico, em contraposição ao socialismo dos pensadores anteriores, aos quais chamou de utópicos; Karl Marx nasceu em Trier, Alemanha, em 05 de maio de 1818, foi um filósofo grandioso, sendo suas principais áreas de interesse a Filosofia, a História e a Economia, escreveu muito e também foi muito ativo na defesa de suas teses, sua principal obra, entre os seus muitos escritos, foi *O Capital*, viveu em extrema pobreza econômica o que fez com que ele e a família se socorressem constantemente de seu grande parceiro intelectual e amigo Engels.

Marx com suas teses incendiou o século XX, um de seus principais pontos doutrinários é o chamado materialismo histórico, segundo o qual “*não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, o seu ser social que determina a sua consciência*”, assim, segundo ele, a estrutura econômica determina todas as outras manifestações humanas como a política, religião, moral, etc, a chamada superestrutura ideológica.

Outra tese de Marx é a do materialismo dialético, segundo o qual a história está em perpétuo desenvolvimento e que será inevitável a passagem da sociedade capitalista para a sociedade comunista, a qual constituirá o fim da exploração do homem pelo homem, e, por fim, devemos mencionar a tese da luta de classes, segundo a qual a história da humanidade é a história da luta entre oprimidos e opressores desde todos os tempos.

LÉON DENIS – NOTÍCIA BIOGRÁFICA

Sem sombra de dúvida existem dois espíritas que podemos chamar de legítimos sucessores e continuadores de Allan Kardec na França e no mundo, são eles: Leon Denis e Gabriel Delanne, os quais conheceram pessoalmente o grande mestre de Lion e fizeram da Doutrina Espírita a grande causa de suas vidas.

Ambos se destacaram no movimento espírita mundial por sua atuação, talento e dedicação ao Espiritismo, bem como por suas obras brilhantes nas quais defendiam com grande competência e erudição a causa espírita.

Gabriel Delanne desenvolveu o aspecto científico do Espiritismo, consolidando, desta forma, o estudo rigoroso dos fenômenos espíritas, o que possibilitou elevar a doutrina kardecista à condição de uma verdadeira ciência da alma em seus bem fundamentados livros.

Léon Denis, por sua vez, com sua alma de filósofo e poeta elevou o Espiritismo às alturas com suas obras de grande valor filosófico, nas quais falava à razão e ao coração, fazendo com que milhares de homens e mulheres, de todas as idades, ganhassem novo impulso na luta pela vida ao conhecer o Espiritismo, por ele tão bem ensinado e divulgado.

É sobre Léon Denis, também conhecido como o apóstolo do Espiritismo, que pretendemos dar esta breve notícia biográfica, nos servindo da obra *Léon Denis – O Apóstolo do Espiritismo*, de Gaston Luce, onde encontramos uma excelente biografia do grande espírita francês.

Léon Denis nasceu em 1º de janeiro de 1846, em Foug, pequena localidade de Toul, a qual era atravessada pela grande ferrovia Paris-Strasbourg. Seu pai era oficial de pedreiro e chamava-se Joseph Denis e sua mãe chamava-se Anne Lucie, sendo que ambos tinha uma condição social humilde e passaram por diversos problemas de ordem econômica.

Ainda criança Léon Denis trabalhou na casa da moeda de Bordeaux, novo emprego de seu pai, onde o ajudava no polimento das moedas, tarefa que fazia seus dedos de menino sangrarem ante a necessidade de descolar lâminas de cobre, sendo que realizava esta tarefa para ajudar no orçamento doméstico.

Aos 16 anos trabalhou em uma casa comercial de cerâmicas de Tours, onde fazia trabalhos braçais carregando cestos nas costas quando eram retirados os produtos do forno, bem como chegou a trabalhar em uma outra casa comercial onde era melhor remunerado, tendo, neste local, trabalhado no escritório, o que não o livrou dos trabalhos braçais quando se faziam necessários.

Posteriormente emprega-se na casa comercial de couros Pillet onde consegue, finalmente, uma maior estabilidade profissional, o que lhe possibilita, inclusive, ajudar financeiramente seus pais, no entanto, toda esta atividade profissional o atrapalha na continuação de seus estudos regulares, tornando-se, então, um verdadeiro auto didata, pois tinha sede de conhecimento.

O próprio Denis afirmava que em virtude de ter de trabalhar durante o dia, só lhe restavam as noites, nas quais dedicava-se aos seus estudos, o que lhe ocasionou o enfraquecimento prematuro da visão, em relação a este período diz seu biógrafo Gaston Luce: *“Nos anos mais ingênuos, em que os jovens, comumente, ficam perto da mulher amada, do puro amor, ou buscam os prazeres fáceis, nosso estudante só possuía tempo para a mais austera das amantes – a que se consegue sob a luz da lâmpada, através das páginas dos livros. Só ele (Denis) sabia à custa de quantos esforços, de quantas vacilações inevitáveis e, também, de quantas duras contrariedades, a fim de poder construir, pedra por pedra, o edifício de seu vasto e profundo saber”* (pág. 23).

O fato é que Léon Denis, ainda muito jovem, já tinha em seu espírito inquietações maiores a respeito do problema da vida, muito antes de escrever seu famoso livro *O problema do ser, do destino e da dor*, já pensava nas questões maiores da existência humana, seu espírito dava mostras de preocupações metafísicas, nas quais procurava indagar sobre as causas primeiras e finais do ser.

Reconhecia ele que já havia passado pelas alternativas da crença católica e do ceticismo materialista, sem que nenhuma destas concepções o tivesse esclarecido sobre o grande mistério da vida, o que fazia com que o jovem indagador francês continuasse procurando a chave do grande enigma em suas leituras e estudos.

Denis adorava contemplar as vitrines das livrarias e se deliciava com as belas encadernações dos livros, sendo que passear pelas livrarias tornou-se um dos seus hábitos prediletos; certa vez, por ocasião destes passeios, deparou-se com um livro de título estranho e surpreendente *“O Livro dos Espíritos”* de Allan Kardec.

Segundo ele “Adquiri logo o livro e lhe assimilei o conteúdo. Encontrei nele uma solução clara, completa, lógica do problema universal. Minha convicção se firmou. A teoria espírita dissipou minha indiferença e minhas dúvidas”. (Pág. 24 da obra de Gaston Luce).

A partir deste momento, Leon Denis começa a construir sua trajetória espírita, passando a se destacar como orador, escritor e liderança espírita, tendo realizado estas três funções de forma brilhante, competente e dedicada, o que fez com seu nome ficasse definitivamente escrito na história do Espiritismo.

Iniciou sua prática oratória na Loja dos Demófilos (rito do Grande Oriente), onde havia feito sua iniciação maçônica, era o orador mais aplaudido da loja, chegou a fazer treinamentos e exames oratórios perante seus guias espirituais dentre eles destacamos Sorella e Durand, é o que afirma Gaston Luce: *“Em 19 de fevereiro de 1873, fez seus primeiros exames oratórios perante cinco mestres espirituais, trazidos por Durand. Sorella o assiste, mas ficou emocionado como um candidato diante de uma comissão examinadora”.* (pág. 40)

Denis ao longo de sua vida torna-se efetivamente um grande conferencista, pois realmente tinha o dom de encantar pela oratória, tendo sido um dos grandes momentos de sua carreira de orador espírita quando recebeu um convite da Duquesa de Pomar, no ano de 1892, para falar de Espiritismo em sua casa, onde se realizavam célebres reuniões que congregavam as pessoas mais importantes de Paris, ou seja, a nata da sociedade parisiense.

Gaston Luce descreve a residência de Lady Caithness, Duquesa de Pomar da seguinte forma: *“O Palácio d’Hollyrood era uma admirável evocação do século XV. Era constituído de salas que*

podiam rivalizar com os mais suntuosos salões do Louvre ou de Fontainebleau. Havia nessa extraordinária residência uma ala imensa, que servia como salão de danças, salões revestidos das mais ricas madeiras e tetos de brilhantes arabescos”. (pág. 107)

Foi no salão de festividades deste palacete que Leon Denis proferiu duas conferências sobre Espiritismo, nas datas de 07 e 14 de junho de 1893, deixando de ser, definitivamente, um conferencista provinciano, pois passou a falar para a alta sociedade francesa.

Quanto a sua atividade de escritor Denis escreveu várias obras ao longo de sua vida, bem como escreveu inúmeros artigos para a *Revue Spirite*, destacaremos apenas alguns de seus livros que consideramos fundamentais para conhecermos a sua obra literária, são eles: *Depois da morte, Cristianismo e Espiritismo, No invisível, O problema do ser do destino e da dor, Joana D’Arc – médium, O grande enigma*, bem como escreveu alguns opúsculos como *O Porquê da vida, o além e a sobrevivência do ser*, escrevendo ainda sobre *o mundo invisível e a guerra, o gênio celta e o mundo invisível* e outras obras menores.

Socialismo e Espiritismo, obra analisada no presente trabalho, foi escrita nos primeiros anos da década de 1920, segundo Gaston Luce, precisamente o ano de 1924 foi inteiramente consagrado a este estudo.

Como liderança espírita Denis participou ativamente de inúmeros congressos espíritas, tendo nestes congressos ocupado postos de direção. Participou dos seguintes congressos: Congresso Espiritualista Internacional de 1889, Paris, França, oportunidade em que dirigiu a comissão de propaganda; congresso de 1900, Paris, França, foi presidente efetivo; congresso de 1905, Liege, Bélgica, foi presidente de honra; congresso de 1910, Bruxelas, Bélgica, foi delegado da França e do Brasil; congresso de 1913, Genebra, Suíça, assistente da presidência juntamente com Delanne; congresso de 1925, Paris, França, Presidente efetivo.

Após uma vida de ininterrupto trabalho em prol da causa espírita Léon Denis vem a falecer na data de 12 de abril de 1927, na cidade de Tours, aos 81 anos de idade, entrando para a história como um dos gigantes do pensamento espírita no mundo. Na verdade, poucos podem dizer o que o grande espírita francês disse em seus últimos dias terrenos em seu testamento moral:

“No final de minha vida, nesta hora crepuscular, quando uma nova etapa termina, em que as sombras descem, celeremente e cobrem todas as coisas com seu manto melancólico, recordo o caminho percorrido, desde minha infância e, depois, dirijo meu olhar para adiante, para essa porta que, brevemente, se abrirá para mim, para o além e suas eternas claridades.

Nessa hora, minha alma se recolhe e se desprende, antecipadamente, dos liames terrenos; ela vê e compreende o objetivo da vida.

Consciente de seu papel neste mundo, reconhecida pelos benefícios divinos, sabendo porque veio e porque atuou, bendiz a vida por todas as alegrias e todas as dores, por todas as provas salutaras que experimentou e agradece os instrumentos de sua educação e de seu progresso.

Bendiz a vida terrena, compenetrada, logo que a deixe, de que retornará mais tarde, numa nova existência, para ainda trabalhar, sofrer, aperfeiçoar-se e contribuir, por seus esforços, para o progresso deste mundo e da Humanidade...” (pág. 285 da obra de Gaston Luce)

ASPECTOS DA REFLEXÃO SOCIALISTA DE LÉON DENIS

Léon Denis, em sua obra *Socialismo e Espiritismo*, manifesta grande preocupação com a possibilidade das idéias marxistas de sua época levarem à anarquia e ao caos social, apesar de deixar claro que preocupa-se com o sofrimento das classes trabalhadoras, neste sentido, afirma o filósofo espírita francês, na página 32 de sua obra: *“Nós subscrevemos voluntariamente as reivindicações legítimas da classe operária reclamando para o trabalhador a sua parte de influência e de bem estar, seu direito aos benefícios industriais, e seu lugar ao sol, porém*

reprovamos os meios violentos e revolucionários que seriam um perigo para a sociedade ocidental, depois de ter arruinado a sociedade russa”

Conseguimos observar claramente na expressão de Léon Denis a rejeição à violência revolucionária, a qual era tida pelos marxistas como meio legítimo para a tomada do poder pelo proletariado, necessário, observar, inclusive, que a experiência revolucionária russa já estava dando os seus primeiros frutos de desorganização social, fome e opressão, à época do texto de Leon Denis aqui discutido.

Interessante ressaltarmos que Léon Denis via com desconfiança a tese marxista de que o proletariado seria o novo messias salvador da humanidade, a classe que livraria o mundo da exploração do homem pelo homem, na verdade, com muito senso de realismo, já observava, que a mudança de classes no poder de nada adiantaria, pois a classe trabalhadora pode ser tão despota quanto as classes burguesas, neste sentido afirmava: *“todo o passado nos demonstra a predominância das classes elevadas, ditas dirigentes, sobre o povo reduzido ao estado de miséria. Hoje em dia, são as classes trabalhadoras que por vezes desejam alçar-se e dirigir por sua vez a sociedade. Mas o despotismo que vem de baixo não é melhor do que aquele que vem do alto; é talvez pior, pois que mais brutal e mais cego”*(pág.33).

Stalin só iria conseguir o poder absoluto alguns anos mais tarde e, no entanto, Denis já conseguia enxergar a natureza despótica do socialismo russo, afinal de contas, Lênin e seu partido bolchevique, utilizaram-se de um centralismo político verdadeiramente ditatorial, bem como de meios violentos, dando como justificativa a resistência aos contra revolucionários. Neste ponto, é importante também lembrarmos que realmente a jovem Rússia soviética sofreu verdadeiramente com as intervenções contra-revolucionárias, inclusive do estrangeiro, o que realmente serviu de pretexto para o agravamento da violência revolucionária.

Na verdade a experiência russa está muito presente no pensamento do espírito francês que afirma o quão desastroso foi aquele acontecimento, o qual foi levado a cabo, segundo ele, por cínicos que sabiam que suas teorias eram falsas: *“Se há uma nação que tenha sofrido paixões políticas exageradas é bem a Rússia. As tempestades que nela ali exerceram são incalculáveis. Podemos lembrar as convulsões que este país teve que sofrer bem como as massas ali foram excitadas por ambiciosos cínicos que no fundo, bem sabiam que suas teorias eram falsas, mas que delas se serviram como de uma escada para atingir o poder”* (pág. 86).

Se o pensamento de Denis em relação aos revolucionários russos não era nada positivo, o mesmo ocorre em relação a Karl Marx, o qual descreve como: *“homem ácido e odioso, cujo objetivo principal é a guerra de classes; tudo isto desprovido de generosidade e de grandeza e não leva senão à investida, ao esmagamento de uns pelos outros”* (pág 90).

Na mesma página afirma: *“antes de Karl Marx, o socialismo era profundamente simpático; graças a ele, é hoje execrado”*. Referia-se neste trecho, obviamente, aos chamados socialistas utópicos os quais precederam ao chamado socialismo científico de Marx.

Marx havia afirmado que a história da humanidade desde todos os tempos é a história da luta de classes, a qual é travada desde a mais remota antiguidade entre patrício e plebeu, senhor e servo, burguês e proletário, no entanto, Denis põe em dúvida a existência da luta de classes, princípio fundamental da teoria marxista, sobretudo, após a revolução francesa, a qual fomentou, segundo ele, a mobilidade social: *“O que se chama luta de classes não existe senão no papel. Em realidade não há mais classes desde a Revolução, não há mais entre elas limites precisos, pois há penetração recíproca e contínua. Todo trabalhador econômico pode se tornar patrão. A burguesia tem suas raízes no povo e nele se recruta incessantemente: é de seu seio que se elevaram a maioria dos homens que ilustraram a humanidade; foi daí que se alçaram tantos burgueses, graças ao seu trabalho ou ao seu talento. Por outro lado, quantos pequenos rendeiros, pequenos proprietários então, em razão da guerra e de suas conseqüências econômicas, não caíram no proletariado?”* (pág, 41).

Outro ponto das teses marxistas que implica em profunda rejeição de Léon Denis é o referente ao compromisso de tais teses com o materialismo, o que na visão de nosso escritor, era o grande ponto fraco das teorias socialistas, pois, em sua opinião, tais teorias não possuíam uma visão abrangente da realidade, mas sim uma visão limitada, o que se constituiria em um grande obstáculo na proposição de soluções aos problemas sociais.

Diz o grande espírito francês sobre este assunto: “As tendências soviéticas parecem inseparáveis da doutrina materialista que só vêem o horizonte limitado da vida presente... Disso resulta uma ausência de princípios morais, uma supressão de todo o freio contra o desregramento que explicam as paixões furiosas e mesmo as atrocidades que são levadas à conta do bolchevismo” (pág. 88).

Na verdade não há como negar que se o materialismo não leva necessariamente à falta de princípios éticos, no entanto, é um grande facilitador neste sentido, pois ao negar qualquer justiça transcendente, resolve a questão da existência humana no breve tempo em que o homem encontra-se sobre a terra, período este em que só caberá ao homem um objetivo: o de sobreviver o melhor possível.

Denis chega ao requinte de fazer uma crítica ao sistema econômico soviético, o qual era baseado na absorção dos meios de produção pelo Estado, observa, nosso pensador, com anos de antecedência em relação ao fracasso de tal sistema econômico, que o mesmo é dotado de ineficiência, pois paralisa a iniciativa individual a qual é responsável pelo progresso das nações. Incrível imaginarmos que Léon Denis tenha visto esta questão com tanta clareza, em uma época em que grandes intelectuais no mundo louvavam a estatização dos meios de produção.

“O encampamento de todas as coisas pelo Estado paralisa os esforços laboriosos, extingue a livre concorrência e o espírito de emulação. A nacionalização das Minas e das Estradas de Ferro se traduz sempre por um déficit; ela resulta na elevação das tarifas e, por isso cresce ainda mais as dificuldades da vida pública” (pág. 86).

Menciona inclusive o chamado NEP (nova política econômica) de Lênin, adotada em 1921, a qual tinha por objetivo fazer renascer a economia soviética a qual foi destruída pelo período do comunismo de guerra, neste plano, Lênin, faz concessões a livre iniciativa visando estimular o desenvolvimento econômico da nação.

“O governo dos soviéticos havia proclamado solenemente a supressão do capital, da propriedade individual, o nivelamento social, em uma palavra, o comunismo mais integral, mais rigoroso e eis que, cinco anos passados de miséria, de fome, de cruéis sofrimentos para o povo foi reduzido a fazer apelo aos capitalistas estrangeiros, a recorrer aos técnicos de todos os países a fim de reconstruir penosamente o que havia destruído. Não se poderia sonhar uma falibilidade mais completa e há aí uma grande lição para as democracias ocidentais” (pág. 87).

Denis não ignora, apesar de suas críticas severas, que existem comunistas sinceros, que verdadeiramente lutam por um ideal de fraternidade humana, os quais se dedicam a implantar na terra um sistema social mais justo e fraterno, renunciando à própria vida em prol da causa do operariado.

“Longe de nós o pensamento de criticar os comunistas de convicção sincera que desejariam estabelecer na terra o regime social que reina, provavelmente nos mundos superiores, lá, onde todos trabalham para cada um e cada um por todos, no espírito de devotamento absoluto a uma causa comum. Este regime exige qualidades morais e sentimento de altruísmo que não existem senão em condições excepcionais em nosso mundo egoísta e atrasado” (pág. 87).

Esta afirmação é realmente incontestável, pois realmente existiram alguns comunistas de grande valor moral, os quais muitas vezes se expuseram a perigos de todo o tipo, arriscando, e até mesmo perdendo, a própria vida por amor ao seu ideal. Para bem compreendermos a ação destes

homens não precisamos nem mesmo olhar para o exterior, pois aqui mesmo no Brasil tivemos exemplos deste tipo.

Neste sentido podemos citar Luís Carlos Prestes, que lutou a vida toda pelo ideal que acreditava, sofrendo na própria pele perseguições, prisões e até mesmo a grande tortura moral de ter sua mulher Olga Benário entregue pela ditadura Vargas a Hitler, tendo a mesma sido assassinada em uma câmara de gás na Alemanha nazista.

Outro exemplo impressionante de luta por um ideal encontramos em Apolonio de Carvalho, militar brasileiro, comunista, voluntário da causa republicana na guerra civil espanhola, combatente da resistência francesa, tendo lutado, inclusive, contra a ditadura militar brasileira, a qual o prendeu e torturou, sendo que na época da abertura democrática foi um dos fundadores do Partido dos trabalhadores. Sua história, verdadeiramente épica, é contada em seu livro *Vale a pena sonhar*, publicado pela editora Rocco.

Estes e alguns outros exemplos nos dão uma idéia do que Léon Denis chama de “comunistas de convicção sincera”, no entanto, apesar de louvar a atitude de homens desta têmpera, entende que o advento do sistema socialista não se dará pela via revolucionária, mas sim por um processo evolutivo gradativo, segundo ele: *“seria fácil demonstrar que elas (as teorias comunistas) são prematuras e inaplicadas na sociedade atual. Fora preciso séculos de cultura moral e de educação popular para levar o espírito humano ao estado de perfeição necessária a um tal ordem de coisas e daí a posse individual dos frutos do trabalho permanecerá o estimulante indispensável, o meio de emulação que assegura por em ação o equilíbrio das forças sociais”* (pág.87).

Quanto a questão da relação entre reencarnação e as desigualdades sociais, apesar de não fazer apologia da pobreza como resgate do mau uso da riqueza em vidas anteriores, observa ele, que a condição social humilde propicia determinados tipos de experiências ao espírito, as quais podem levar ao desenvolvimento das potencialidades da alma, neste sentido afirma: *“Assim eu compreendo melhor porque a lei da evolução leva a imensa maioria de seres a renascer no seio da classe laboriosa para aí desenvolver sadias energias, fortalecer os caracteres, tornar o homem verdadeiramente digno deste nome. Na luta constante contra as necessidades, no esforço cotidiano para se sair do aperto das necessidades, pouco a pouco a vontade se afirma, o julgamento se consolida, as mais belas qualidades desabrocham. É por isso que as maiores almas que passaram pela terra: Cristo, Jeanne D’Arc e tantos outros nobres espíritos, quiseram renascer nas condições, as mais obscuras, para servir de exemplo à Humanidade”*. (pág. 37).

No entanto, apesar das críticas ao marxismo, Denis afirma que *“Espiritismo e Socialismo estão unidos por laços estreitos, visto que um oferece ao outro o que lhe falta a mais...”* (pág.31), contudo define imediatamente o que, para ele, significa socialismo: *“Para nós, o Socialismo é o estudo, a pesquisa e a aplicação de leis e meios susceptíveis de melhorar a situação material, intelectual e moral da humanidade. Nessas condições são numerosas as nuances, as variedades de opiniões, de sistemas, desde o Socialismo cristão até o comunismo, e todo o homem cuidadoso com a sorte de seus semelhantes pode se dizer socialista, quaisquer que sejam, aliás, suas predileções”* (pág. 31).

Obviamente Léon Denis era alguém “cuidadoso com a sorte de seus semelhantes”, logo isso nos autoriza a enxergá-lo como um socialista. No entanto, que tipo de socialismo é esse? Já vimos que não é o socialismo marxista, mas sim um socialismo mais profundo que leva em conta a natureza humana em sua integralidade e não apenas em seu aspecto material como entendia Marx.

O socialismo de Denis é um socialismo que se apóia no auto conhecimento e não na força e na violência, é um socialismo que se constrói a partir da intimidade de cada ser humano, o qual reconhece sua natureza espiritual transcendente e que leva em consideração a transitoriedade das coisas terrenas.

“Conhece-te a ti mesmo! Dizia a sabedoria antiga; o que o homem conhece de menos é ele mesmo, e dessa ignorância decorre a maior parte de seus erros, de suas faltas, de seus males. O homem moderno não se interessa senão por seu envoltório material, isto é, o que há de menos essencial em nós. É pela parte sutil, imponderável de nosso ser, aquela que escapa aos nossos sentidos, que pertencendo a este mundo invisível de onde saímos por ocasião de nosso nascimento ou aonde retornamos quando de nossa morte, e que é o mundo das causas, das sanções, o único permanente e durável”. (pág. 62)

Afirma categoricamente de que nada adiantará ao homem mudar estruturas sociais, instituições, poderes do estado, se não mudar a si mesmo, pois em seu raciocínio as instituições são dirigidas por indivíduos, os quais levam seus vícios e virtudes para a vida social.

“O estado social não sendo, em seu conjunto senão o resultado dos valores individuais, importa antes de tudo de obstinar-nos nessa luta contra nossos defeitos, nossas paixões, nossos interesses egoístas. Enquanto não tivermos vencido o ódio, a inveja, a ignorância, não se poderá estabelecer a paz, a fraternidade, a justiça entre os homens; e a solução dos problemas sociais permanecerá incerta e precária” (Pág. 66).

Para Denis a resolução dos problemas econômicos da humanidade não levam, necessariamente, à felicidade na terra, pois existem inúmeros problemas que escapam às questões meramente econômicas, os quais afligem o homem de forma tão ou mais cruel, sendo esta uma das grandes falhas do socialismo marxista, o qual não percebeu a extensão dos problemas humanos.

“Todas as vantagens materiais, os maiores salários não são suficientes para preservar o homem do desencorajamento, do desespero nas horas dolorosas, por exemplo, quando ele descer à tumba o caixão mortuário daqueles que lhe foram queridos; quando ele se sente atingido em seus sentimentos íntimos, em seus afetos mais profundos” (Pág. 72).

Para atingir este socialismo entende que é necessário resgatar a questão moral a qual em sua visão, não se trata de uma concepção relativista, mas sim de uma expressão da lei eterna que encaminha os homens para a evolução e para o bem, sendo que este ensino moral deve ser dirigido a todos os homens que devem compreender que a finalidade da vida não é a felicidade pessoal, mas sim o aperfeiçoamento do ser.

Reclama Denis que os partidos socialistas falaram apenas dos direitos dos operários, mas se esqueceram de lhes lembrar os deveres, bem como desprezaram os assuntos morais: *“As reivindicações socialistas falaram abundantemente ao operário quanto aos seus direitos, porém nunca quanto aos seus deveres. Negligenciaram cultivar suas qualidade morais, desenvolver nele o espírito da ordem, da sabedoria, da previdência, e qual foi o resultado?”* (pág. 98).

Finalmente Léon Denis defende um socialismo que conheça profundamente as leis da vida, um socialismo espiritualista, baseado na fraternidade universal e que seja evolucionista e não revolucionário, o que quer dizer que o grande pensador espírito francês não acredita nas rupturas bruscas de poder na sociedade, opinião essa, que consideramos interessante, se levarmos em conta que a própria França passou por uma ruptura revolucionária em 1789, a qual derrubou a aristocracia e erigiu ao poder a burguesia, criando, assim, um estado social mais avançado como o próprio Denis reconhece.

No entanto conclui Leon Denis: “Segundo os meus artigos precedentes, eu me coloquei entre os socialistas. Mas tive o cuidado de dizer que não aceito o socialismo sem a doutrina espiritualista que o tempera, o dulcifica, tira-lhe todo o caráter de áspera violência. Reprovo o socialismo materialista que só semeia o ódio entre os homens e, por conseguinte, permanece infecundo e destrutivo, como se pode ver na Rússia. Sou evolucionário e não revolucionário” (pág. 126).

Procuramos no presente capítulo apontar algumas reflexões de Léon Denis sobre a questão do socialismo, fazendo o mínimo de comentários possíveis sobre suas opiniões, a fim de proporcionar ao leitor o máximo de opiniões do importante espírito francês sobre esta candente questão da relação entre Espiritismo e socialismo.

Na conclusão do presente trabalho, procuraremos expor algumas reflexões pessoais a respeito do pensamento de Denis e de Porteiro, autor que será abordado a seguir, sendo que naquela oportunidade tentaremos estabelecer algumas divergências e convergências sobre o pensamento de ambos.

MANUEL S. PORTEIRO – NOTÍCIA BIOGRÁFICA.

O movimento espírita brasileiro se ressentia de uma grande lacuna, que era a ausência de divulgação da vida e da obra de um dirigente e pensador espírita tão importante quanto o foi Manuel S. Porteiro, felizmente esta lacuna foi preenchida por um espírita venezuelano, Jon Aizpúrua, o qual publicou no Brasil sua obra *O pensamento vivo de Porteiro – Homenagem ao fundador da sociologia espírita*, editada em nossas terras pela editora Centro Espírita José Barroso, no ano de 1999, tradução de Leile F. Cacacci, sendo que a mesma editora também tomou a iniciativa de publicar no ano de 2002, a importante obra de Manuel S. Porteiro, *Espiritismo Dialético*, traduzida no Brasil por José Rodrigues.

Corrigida tão grave omissão poderemos dar alguns detalhes biográficos sobre o importante pensador espírita argentino, no entanto, devemos lembrar que nosso objetivo aqui não é nos aprofundarmos nos detalhes de sua vida e obra, em razão da falta de espaço para esta iniciativa, sendo que nos contentaremos em dar algumas notícias da vida de nosso biografado. Sendo assim recomendamos para maiores detalhes da vida e obra de Porteiro o livro de Jon Aizpúrua acima mencionado, o qual realmente aprofunda a análise da vida, obra e pensamento de nosso pesquisado.

Manuel Porteiro nasceu em um meio familiar humilde na data de 25 de março de 1881, em Avellaneda, província de Buenos Aires, filho de Francisco Porteiro e Antonia Anón. Tinha cinco irmãos, dois homens e três mulheres. A primeira curiosidade sobre Porteiro diz respeito a seu nome, o qual é conhecido com a letra “S”, a qual não existia em seus nomes de família, mas que foi incorporada com o tempo a seu nome, em razão de um erro de imprensa. Porteiro assimilou tal letra de forma bem humorada brincando que o verdadeiro significado da referida letra era Manuel “Servidor” Porteiro.

A vida de Manuel S. Porteiro foi muito dura tanto em termos econômicos quanto no que diz respeito a sua saúde, para termos uma idéia de sua precariedade econômica, Porteiro não conseguiu nem mesmo cursar os primeiros anos da escola primária, e quando nem havia chegado aos dez anos de idade se empregou em um matadouro trabalhando em jornadas diárias de até doze horas.

Com isso teve de aprender a ler e escrever por conta própria fazendo enorme esforço, pois seu ambiente de trabalho era extremamente rude, sendo que seus companheiros de ofício não o compreendiam muito bem, pois o consideravam um “tipo raro” com “pretensões de doutor” que perdia suas horas de descanso lendo livros ao invés de se dedicar aos jogos que todos seus companheiros de trabalho se dedicavam.

No entanto apesar de todas as suas dificuldades adquiriu imensa cultura, seu pensamento gravitava em torno de numerosos assuntos, gostava de Espiritismo e Metapsíquica, bem como Sociologia, História e Literatura, estudou os grandes pensadores espíritas Kardec, Delanne, Denis, Flammarion, Bozzano e outros no campo das ciências psíquicas; em psiquiatria e criminologia estudou Lombroso, Ferri, Charcot e Nordau; em biologia evolucionista conhecia as obras de Darwin e Spencer. Influenciou-se muito pelo pensamento de Hegel, Marx e Engels.

Enfim além de ser um trabalhador, um operário, que do suor do seu rosto tirava o seu sustento e o da sua família, tornou-se um verdadeiro intelectual cujo interesse se expandia por vários continentes do saber. Uma outra curiosidade a respeito de seus gostos é que nosso pensador adorava música e gostava de compor tangos e tocar guitarra, aliás, nada mais apropriado para um argentino amante das tradições de sua terra.

Contraíu matrimônio em 1904 com Ana Maria Torrens, cinco anos mais nova do que ele, ela era proveniente de um setor tradicional da classe média de Avellaneda o que fez com que sua família não visse com bons olhos sua união com Porteiro, o qual tinha uma condição social mais humilde.

Interessante observarmos, em relação a seu casamento, que dona Ana Maria Torrens conheceu o Espiritismo muito antes de Porteiro e até freqüentava reuniões mediúnicas em família, os frutos deste casamento foram cinco filhos os quais também foram educados em lar pobre, porém cheio de dignidade e amor.

Em fevereiro de 1932 foi operado no Hospital Fiorito de Avellaneda, sendo que nesta oportunidade sua perna esquerda foi amputada, o que o levou a ficar incapacitado para o trabalho, oportunidade em que sua mulher e filhos assumiram as responsabilidades do lar.

Em seus últimos anos de vida seu estado de saúde agravou-se e em dezembro de 1935 foi submetido a uma outra cirurgia no hospital Fiorito, tendo passado seus últimos dias na casa de seu filho mais velho, Ceferino, onde no dia 08 de fevereiro de 1936 vem a falecer de câncer de fígado aos 54 anos, tendo sido sepultado no cemitério de Avellaneda, onde compareceram centenas de espíritas tanto da Confederação Espírita Argentina quanto de diversas sociedades espíritas daquele país.

Quanto a sua atividade espírita diremos, inicialmente, que lutou por um Espiritismo científico, filosófico e moral, sem qualquer coloração religiosa ou mística, bem como enfatizou a todo momento o caráter cultural, humanista, laico, livre pensador, progressista e sociológico da doutrina Kardecista, o que o fez repelir de forma veemente as tentativas que já existiam em seu tempo de transformar o Espiritismo em mais uma religião conformista e alienada ante as questões culturais e sociais de sua época.

Iniciou suas atividades espíritas participando das reuniões mediúnicas que eram freqüentadas por sua esposa, nas quais observou o fenômeno espírita o que o levou a interessar-se pelo estudo mais aprofundado da teoria espírita, oportunidade em que estuda profundamente as obras de Allan Kardec onde encontra a solução para as suas inúmeras questões sobre a vida.

A partir de 1916 assume a direção do semanário espírita *La Union*, para o qual colabora com editoriais e artigos nos quais mostra sua imensa cultura adquirida ao longo dos anos, tendo, à época, adquirido grande prestígio nos ambientes intelectuais espíritas da Argentina. No ano de 1927 passa a colaborar com a revista da Confederação Espírita Argentina, *La Idea*, e em 10 de abril de 1931 na reunião do conselho federal da C.E.A., é designado para dirigir a comissão de estudos científicos daquela confederação.

Em março de 1934 é eleito presidente da Confederação Espírita Argentina, tendo como companheiros de diretoria espíritas ilustres como Mariotti, Bossero, Rinaldini e Postiglioni, os quais imprimiram uma direção não religiosa àquela confederação.

Foi um presidente muito ativo lutando por suas idéias progressistas, tendo sofrido contestações da parte de espíritas conservadores, os quais discordavam da postura não religiosa da C.E.A. e de sua preocupação com as questões sociais, acusavam, a confederação, de estar fazendo política no seio doutrina.

Por outro lado obteve apoio de outras sociedades espíritas como “luz de la Pampa”, “Espiritismo Verdadero”, “Evolucion”, “Adelante Y Progreso”, “Constancia”, “Progreso Espírita” e outras, que compreenderam e respaldaram Porteiro em seus ideais de um Espiritismo progressista e atualizado com o mundo em que viviam.

Porteiro participou, juntamente com Humberto Mariotti, do Quinto Congresso Espiritista Internacional, realizado no ano de 1934, na cidade de Barcelona, Espanha, para onde foram como delegados da Confederação Espírita Argentina, incumbidos de apresentar seu projeto de um Espiritismo laico e livre pensador.

Neste congresso Porteiro entrou em uma interessante polêmica com o professor Asmara, o qual defendia justamente o contrário da tese da Confederação Espírita Argentina, ou seja, defendia a tese de um Espiritismo religioso e sincrético, tese esta que foi repudiada veementemente pelo delegado da C.E.A.

O período de 1933 a 1935 foi muito intenso para Porteiro, neste período exerce a Presidência da C.E.A. (abril de 1934 até março de 1935), dirige a revista *La Idea*, faz inúmeras conferências em diversas sociedades espíritas, traduz artigos de publicações espíritas brasileiras, portuguesas, francesas e italianas e prepara os capítulos de sua obra principal *Espiritismo Dialético*, bem como de outras obras como *Origem de las ideas morales* e *Concepto espírita de la sociologia*, as quais foram publicadas após sua desencarnação.

Como comentário final a esta nota biográfica de Manuel S. Porteiro desejamos mencionar o escritor espírita venezuelano, Jon Aizpúrua, que, à página 19 de sua excelente obra *O pensamento vivo de Porteiro* sintetiza, de forma muito feliz, a personalidade de nosso biografado.

“Fragil por fora a figura, régia por dentro a moral; fecundo o espírito para o germinar das idéias; vontade firme para a boa ação; alma sensível e pura, Porteiro representa, pelas qualidades que compõem sua personalidade, por sua ampla formação cultural, por seu valor e pelo vigor com que assumiu sua militância nas fileiras espíritas, chegando ao extremo do sacrifício no cumprimento de seus deveres, esse protótipo de Homem Novo que o Espiritismo fragua e modela, quando compreendido e vivido em sua plenitude”.

ASPECTOS DA REFLEXÃO SOCIALISTA DE MANUEL PORTEIRO

Jon Aizpúrua em sua obra “O Pensamento vivo de Porteiro” afirma que o ilustre autor argentino “conheceu bem o pensamento de Marx e de Engels e nunca ocultou uma viva simpatia pela proposta socialista, se bem que, ao amadurecer seu pensamento e tornar-se espírita, passou a combater a concepção materialista e a identificar-se com o socialismo humanista, democrático e pacifista, que representavam entre outros, Jaurés e Tolstoi”.

Esta afirmativa de Aizpúrua nos indica, preliminarmente, uma nuance do pensamento social de porteiro o qual conheceu o pensamento marxista e, além disso, nutriu certa simpatia pela doutrina filosófica de Marx, bem como podemos afirmar, a partir do presente estudo, que Porteiro incorporou, em sua própria reflexão, alguns aspectos daquela teoria, apesar de algumas ressalvas pontuais.

No entanto, antes de começarmos a refletir sobre o pensamento socialista de Porteiro, entendemos necessário discorrermos, em primeiro lugar, sobre a sua visão a respeito da vida e da história, o que nos dará maiores informações para que compreendamos sua visão de socialismo.

Trabalharemos principalmente com sua obra “*Espiritismo dialético*”, editada pelo Centro Espírita José Barroso e traduzida por José Rodrigues, sendo esta uma das principais obras de Manuel S. Porteiro, na qual expõe sua visão espírita e social de mundo.

Porteiro entende o Universo, o mundo e o homem em permanente movimento, todas as coisas, para o pensador espírita argentino, estão em eterno devir, em mutação, em continuo fluir, neste aspecto, porteiro resgata o grande filósofo pré-socrático Heráclito, para o qual “nada é, tudo vem a ser”, neste sentido, o famoso filósofo da antiguidade, já ensinava, à sua época, a impossibilidade de alguém entrar no mesmo rio duas vezes.

Segundo Manuel Porteiro: “Contemplamos o céu estrelado e tudo nele aparenta quietude: sempre aparecem ante nossa vista a mesma paisagem estelar, as mesmas estrelas, constelações, as figuras astronômicas na posição de sempre (salvo detalhes apenas apreciáveis à observação vulgar) e, sem dúvida, essas estrelas, esses astros, aparentemente solitários e agrupados, atravessam o espaço em vertiginosa corrida, com velocidades assombrosas e em mil diferentes

direções, atraídos uns pelos outros, encadeados em seus respectivos sistemas e estes sistemas entre si, exercendo influências uns sobre os outros e obedecendo todos à misteriosa lei da gravitação universal” (pág. 65).

Esta grande lei universal do movimento permanente, em sua opinião, aplica-se igualmente ao homem em suas sucessivas metamorfoses, as quais ocorrem durante a sua existência terrestre: *“Mesmo o homem, em seu modo de ser espiritual e moral, em seus gostos, inclinações, em suas crenças e opiniões e até em seu caráter e, em muitos casos, em seus afetos, muda constantemente” (pág. 68).*

Para Porteiro, em sua concepção dínamo genética da vida, este processo de mudança permanente não conduz ao caos, mas sim à harmonia, à evolução ascendente de todos os seres, bem como afirma que este processo de evolução se dá de forma dialética, ou seja, através da oposição dos contrários, o que ainda resgata a tese de Heráclito, o qual via na luta dos opostos a resultante da harmonia.

“Por outra parte, vemos que nenhum fenômeno se produz na vida senão em virtude de duas forças ou fins opostos e necessários. A lei dos opostos é que determina todo movimento, toda a mudança, todo progresso, aquele que tudo modifica e aperfeiçoa. Sem fins opostos, não só não se concebe a evolução, como nem o universo poderia existir, a não ser no repouso absoluto” (pág. 81).

Porteiro entende que o processo dialético abrange inclusive o campo da vida moral do homem, na qual o bem e o mal estão presentes e são absolutamente necessários ao desenvolvimento do espírito humano: *“É tão necessário o bem como o mal; sua contraposição é como a dos sexos: não existe senão para criar, renovar e aperfeiçoar constantemente a vida e a moral dos indivíduos e dos povos. O impulso criador há de se fazer sobre alguma coisa” (pág. 82).*

No entanto, o espírita argentino afirma a não autonomia dos fins opostos, os quais, segundo ele, não podem se colocar como antíteses absolutas e apartadas, uma vez que se relacionam no processo dialético-evolutivo e tendem, mesmo que não compreendamos, para uma finalidade superior, sendo que, com esta afirmação, acaba evitando cair no equívoco do maniqueísmo: *“mas entendamos que os fins opostos não se podem separar em absoluto: eles convergem sempre para um fim, ou se relacionam para consegui-lo. Não se pode colocar o mal de um lado e o bem de outro e isolá-los em absoluto, porque isto seria anulá-los, assim como não se pode desvincular os sexos sem torná-los estéreis, nem separar os pólos de um mundo sem destruí-los” (pág. 82).*

Porteiro estende seu conceito dínamo-genético da vida ao desenvolvimento da humanidade e fala de um conceito-dínamo genético da história, sendo a história, para ele, um grande palco onde se desenvolve a humanidade terrestre desde a noite dos tempos, desde a pré-história até a mais avançada civilização contemporânea.

“A história da humanidade é a história de seu constante movimento e desenvolvimento, de sua transformação contínua, de seu incessante esforço para ser sempre superior ao que foi e ao que é, sem que jamais obtenha formas ou perfeições definitivas” (pág. 87).

O homem durante a sua vida na terra possui objetivos diversos desde a mera sobrevivência até a luta pelo poder, desde a busca pela riqueza até a procura da elevação espiritual, todos estes objetivos colocam o homem em atividade constante, pois, na verdade, o homem é um ser insaciável que nunca está satisfeito com qualquer realização e que busca avançar mais e mais.

“O homem viveu sempre uma vida de inquietudes, de desejos nunca plenamente satisfeitos, de sonhos jamais completamente realizados. A necessidade, os instintos, primeiro; mais tarde a ambição, o afã de predomínio ou a ânsia de libertação, as inclinações ou predisposições naturais, a curiosidade a emulação etc., incentivaram seu espírito e o mantiveram em constante atividade” (pág. 87).

Esta busca incessante do homem pelo melhor movimenta a humanidade, é nas páginas da história que observamos a luta dos homens e das nações por um dia melhor, por uma melhor condição de existência, por um futuro melhor, o que resulta em benefício e progresso para toda a humanidade, a qual, no percurso da história, vai desenvolvendo sua autoconsciência coletiva, neste sentido Porteiro afirma: *“Cada indivíduo, cada família, cada tribo ou patriarcado, cada povo, império ou nação, por força das circunstâncias, por necessidade ou espontaneamente, por simpatia específica, por reciprocidade afetiva ou por conveniência, em vista de fins ou objetivos comuns, contribuiu para o movimento dínamo-genético da história, realizando a unidade consciente da espécie humana, ainda no meio de suas contradições, de seus interesses particulares, de suas lutas fratricidas e de seus antagonismos de toda classe”*. (Pág. 88).

Assim Manuel Porteiro vê a história como um grande caldeirão onde se misturam culturas, etnias, costumes, nacionalidades, objetivos, sistemas econômicos, regimes políticos, interesses, afinidades, animosidades e muitas outras facetas do espírito humano, levando esta mistura ao desenvolvimento da própria humanidade, a qual através de avanços e retrocessos vai atingindo cada vez maiores estágios de desenvolvimento, em razão do relacionamento social e cultural entre os homens.

Dada esta realidade permanecer isolado no devir histórico trata-se de verdadeiro suicídio: “As raças autóctones ou aborígenes que permaneceram isoladas do movimento universal, de toda miscigenação e comércio com os demais povos e raças diferentes, desapareceram ou estão em via de desaparecer, consumidas pelo seu isolamento e pela falta de nova vitalidade. A humanidade, para subsistir, necessita transformar-se e rejuvenescer-se constantemente, plasmar-se em novas e mais perfeitas formas e receber estímulos de diferentes ordens” (pág. 88).

Para Porteiro os séculos vão acumulando experiência que vão levando o homem de degrau em degrau a um destino superior: *“Cada um dos ciclos em que se encadeia o processo da história resume os esforços e progressos dos ciclos anteriores e agrega, ao caudal dos séculos, seus próprios esforços e progressos”* (pág. 105).

Em vários momentos ao analisar o momento histórico em que passa o mundo à sua época, anos 20 e inícios dos anos 30, Porteiro analisa tal momento como um período de crise do sistema capitalista, o qual, em sua ótica, cederá espaço a um novo sistema econômico: o socialista.

“Afirmar o conceito dínamo-genético da História, na época de transição em que vivemos, em que a crise do atual sistema de produção aponta para o seu fim; em que as inquietações da vida material e espiritual exacerbam os ânimos e aceleram o ritmo dos acontecimentos históricos para um novo ciclo da evolução humana...” (pág. 86).

Interessante observarmos que muitos socialistas naquela época efetivamente pensavam que o sistema capitalista estava chegando próximo a seu fim, A União Soviética havia se firmado enquanto Estado soberano, a crise norte americana de 1929 provocou um forte abalo no capitalismo mundial, e os partidos comunistas se espalhavam pelo mundo influenciados pelo exemplo soviético, fatos estes que levavam muitas pessoas a crer que o sistema capitalista beirava o seu fim.

Levando em consideração a crise do sistema capitalista, o filósofo espírita argentino analisa da seguinte forma o choque de classes: “Assim, por exemplo, nossa sociedade está constituída por duas classes antagônicas, que polarizam as classes intermediárias, na medida em que se intensifica a crise do sistema: capitalistas e proletários lutam, os primeiros por conservar seus privilégios a expensas dos segundos; estes por emancipar-se dos primeiros. Como a lei de evolução é a lei de progresso e como o capitalismo, em virtude de seu grande desenvolvimento-que já chega ao máximo-vai acumulando os elementos materiais e morais de sua própria destruição, triunfará inevitavelmente o proletariado” (pág. 105).

Interessante observarmos no parágrafo acima a seguinte frase *“... como o capitalismo, em virtude de seu grande desenvolvimento-que já chega ao máximo”*. Nesta análise Porteiro é bem

Marxista, pois compreende como um dos fatores necessários à evolução para o socialismo o pleno desenvolvimento dos meios de produção do sistema capitalista, o que daria ensejo à transição de um sistema a outro.

Quando Marx imagina a revolução proletária não a imagina em um país quase feudal como a Rússia dos czares, mas sim em países de capitalismo desenvolvido, sendo que a revolução russa, neste e em outros sentidos, contrariou totalmente os cânones marxistas.

Finalmente afirmará Manuel Porteiro que esta transição para o socialismo não se dará pela inversão de domínio de uma classe sobre a outra e sim no desaparecimento das classes: *“Mas este triunfo não consistirá na sobrevivência e predomínio de uma classe sobre a outra, e sim no desaparecimento das classes, porque ao desaparecer o capitalismo, desaparece também o proletariado, e o regime resultante, o socialismo, não é um regime proletário, mas uma sociedade de produtores e de homens política e economicamente iguais”* (Pág. 105).

Este novo sistema socialista, apesar de nascer no ventre do sistema capitalista, não poderá se confundir com o sistema superado, pois dele irá se diferenciar radicalmente, na visão de nosso pensador argentino: *“Se é certo que o socialismo nasce e se desenvolve no seio do capitalismo, como uma conseqüência necessária de seu sistema de produção e distribuição da riqueza social, com ele não guarda qualquer semelhança. Mesmo herdando o fruto de seus esforços e a enorme riqueza acumulada no curso de muitos séculos, com o apoio de outras civilizações, sua organização econômica e política, sua justiça e sua moral igualitárias diferem fundamentalmente das do regime capitalista”* (pág. 106).

Finalmente Porteiro reclama daqueles que chama de conservadores e superficiais, os quais não conseguem enxergar a grande lei da evolução na história, e que preferem se apegar, comodamente, às situações já existentes afirmando que as coisas não podem modificar-se, descrendo na capacidade de transformação do homem e da sociedade.

“Muitos crêem – ou pelo menos o fazem supor com seu conceito estático da evolução – que a humanidade chegou à madureza; que já não são possíveis novas transformações na estrutura social, novas modificações morfológicas e psíquicas na espécie humana, novas mudanças nas idéias e concepções do mundo, novos horizontes na ciência”.(Pág. 108).

Para enfrentar os desafios da mudança é necessário enfrentar riscos, fazer sacrifícios, desapegar-se dos privilégios e egoísmos materiais, no entanto, para assim proceder, é fundamental manter a alma repleta de ideais de fraternidade, o que obviamente não conseguem os homens conservadores e acomodados.

“Não enfrentam esse risco os homens moralmente envelhecidos; renunciaram à sua própria personalidade, entrando nas filas, marcando o passo, vestindo o uniforme do conformismo. Se são capazes de um esforço, será sempre contra os ideais da nova geração, unindo-se em defesa dos interesses criados e sentindo-se respaldados pelo complexo aparelho coercitivo da sociedade” (Pág. 109).

No entanto, apesar da simpatia de Porteiro em relação a algumas teses do marxismo, é necessário deixar claro as sérias divergências que também tinha em relação a outros aspectos das referidas teses, a primeira discordância digna de nota é a que se refere a tese da ausência de finalidade no mundo e da evolução casual defendida pelos materialistas dialéticos.

Segundo esta tese: “O mundo, a vida e os seres, marcham sem um objetivo final: a sociedade é como uma nave que tem velas e motor, mas carece do timão e da bússola. Em tal conceito, há processo e evolução, mas não há progresso nem finalidade. Há causalidade fenomenológica, mas não causalidade substancial, determinante e diretriz, isto é, há causas que são fenômenos e que por sua vez produzem fenômenos, sem saber como nem por quê, nem para quê e que logo desaparecem após tê-los produzido, mas não causa essencial e persistente, que produza, selecione, evolua e dirija os fenômenos para um fim de aperfeiçoamento e progresso”. (Pág.115).

Já havíamos visto em alguns trechos anteriores que Porteiro concebe a evolução de forma teleológica, ou seja, finalista, visando uma direção e aperfeiçoamento dos seres, logo, a tese do desenvolvimento cego do ser, por obra exclusiva da matéria, a qual também é cega, sendo suas combinações obra do simples acaso, logicamente, não poderia agradar nosso autor.

“Quando pensamos que se inventou uma dialética ”superior” para ensinar-nos que a matéria cega, à força de dar voltas e indo ao “acaso”, tirou inteligência de sua cegueira, consciência de sua inconsciência absoluta, vontade de sua inércia e que, tendo existido de toda sua eternidade passada, sem pensamento, sem sentimento e sem idéias, um dia se organiza sem saber como nem por que, nem para quê e se faz pensadora, idealista, materialista, espiritualista, deísta e atéia, socialista e burguesa, filósofa e forma hipóteses para explicar-se a si mesma, para saber se existe e por que existe, se estuda, se afirma e se nega, se analisa e conclui, afirmando com o materialismo histórico, que o que há de mais excelso, de maior, mais perfeito e mais belo – o espírito humano com suas potencialidades, com sua finalidade, seu progresso indefinido e sua aspiração de perfectibilidade – é uma mentira, uma ilusão, o terrível pesadelo produzido por uma combinação de “reflexos” no cérebro material; que todas ânsias, inquietações espirituais, o desejo de superação moral e intelectual, os anseios de justiça, de bondade e de beleza, se fundirão um dia e para sempre no não ser, no nada, quando a terra tenha chegado ao ocaso de sua existência ou o “acaso” deixe de combinar a vida e a inteligência com elementos químicos e ...quiméricos; quando pensamos em tudo isto, nos perguntamos se semelhante doutrina pode ser um incentivo para a vida”. (Pág. 117).

Porteiro igualmente se coloca contra a interpretação marxista de que o fator econômico é o único fator que movimenta o processo histórico, observando que realmente trata-se de um fator importante, mas não o único que deve ser levado em conta nos processos de evolução social, o que faz Porteiro incluir, como um dos fatores fundamentais no processo de desenvolvimento da história, o que ele chama de lei da causalidade espírita.

“Falar da causalidade espírita é falar da continuidade do espírito humano, do processo de seu desenvolvimento no curso de existências que se sucedem através do tempo e do espaço, nos quais o espírito está sujeito ao seu próprio determinismo, do qual é causa eficiente e essencial. Das infinitas séries causais individuais que se relacionam entre si, surge a trama moral e espiritual da história (que se circunscreve e transcende os limites do humano), da qual só é dado ao espírita, por extensão ao espiritualista reencarnacionista ,apreciar, ainda que hipoteticamente, as conseqüências deduzidas dos fatos concretos, que o profano ou empirista atribui a causas imediatas ou que, por oposição às causas transcendentais, que não entende, chama reais”. Pág.141.

Para Porteiro devemos levar em consideração em nossa análise da evolução social tanto o determinismo histórico que trata do desenvolvimento da humanidade levando em consideração a estrutura econômica e política da sociedade, o meio social, a educação e outros fatores próprios da convivência social, quanto a lei da causalidade espírita, a qual diz respeito ao espírito imortal em trânsito pela matéria em busca de objetivos e metas próprios, dotado de potencialidades e condicionamentos específicos de seu ser individualizado, o que o possibilita agir no processo histórico e também ser influenciado por ele.

Em verdade apesar de considerar a importância da análise dos fenômenos históricos objetivos, como a economia, por exemplo, Porteiro realça a importância da atuação dos espíritos encarnados que, por sua genialidade, conseguem imprimir através de suas idéias e ações novos rumos à humanidade.

“Sem negar ao fator econômico a sua importância como causa motriz do processo histórico, mas sempre respondendo ao grau de consciência dos indivíduos e dos povos e sem negar, por outra parte, o valor histórico de homens geniais que (como Lênin, neste momento de transição) traçam novos rumos à humanidade, sustentamos que os indivíduos - os indivíduos moral ou intelectualmente mais evoluídos - são os que no curso da história traçam à humanidade o caminho a seguir, de acordo com sua tendência finalista que, se possui uma base nas

necessidades econômicas, tem outra mais essencial no psiquismo humano, nas necessidades espirituais que radicam na consciência e na mente do homem”(.pág. 145).

Finalmente Manuel Porteiro afirma também que a questão da moral deve ser colocada ao lado da economia na análise social, pois segundo nosso autor: *“O desenvolvimento dos meios de produção (e a produção) é questão de economia; mas as condições de trabalho e a distribuição da riqueza social são questões de moral, e quando o trabalho e a distribuição de riqueza devem ser relativamente igualitários, ou seja, eqüitativos, é questão de maior consciência e de maior compreensão da justiça e não de mero determinismo econômico.”* (Pág. 146).

Finalizando Porteiro critica aqueles espiritualistas e espíritas que não pensaram nas influências que o determinismo histórico tem sobre o espírito encarnado, fazendo depender tudo da lei da causalidade espírita, o que denomina como *“falso conceito da lei da causalidade espírita”*, segundo ele estes espiritualistas: *“se desinteressam dos problemas sociais, julgam as situações individuais como puramente derivadas da causalidade espírita (karma), sem qualquer dependência com o regime social, e pretendem, arbitrariamente, a elevação moral do espírito, sem ter em conta as condições econômicas e sociais em que este se desenvolve e olham o fator econômico como coisa desprezível, indigna de ser considerada entre as coisas do espírito, como se não guardasse relação com seu desenvolvimento”* (pág. 151).

Tais espiritualistas reencarnacionistas procuram justificar a miséria atual pela riqueza mal empregada em encarnações anteriores, ou em sentido contrário, a riqueza de hoje como prêmio de situações sociais inferiores vividas em encarnações passadas, tese que faria que a condição social fosse necessariamente predeterminada de forma inflexível pela causalidade espírita.

Estes espiritualistas não levam em consideração os fatores de exploração econômica e social promovidos por indivíduos egoístas que detêm o poder econômico ou político em suas mãos, sendo assim para o espírita argentino: “Os que sustentam este falso conceito de causalidade espírita afirmam, fundando-se em meras hipóteses, que a situação econômica e social dos indivíduos está predeterminada por outras da mesma natureza, mas realizadas inversamente, isto é, que as situações econômicas e sociais vantajosas (bem ou mal adquiridas nesta vida) são a compensação de realidades inferiores vividas em existências anteriores, e que as situações econômicas e sociais inferiores da existência atual são a consequência de outras situações vantajosas, mal empregadas em existências anteriores. Daí que este mundo seja para uns, lugar de expiação e, para outros, lugar de prova, a que Deus os submete, confiando-lhes a riqueza e a posição vantajosa para que façam bom uso delas junto a seus semelhantes. Eis porque, também, a desigualdade econômica e social, a existência da sociedade à base de crimes e de exploração, de classes exploradas e exploradores, de déspotas e poderosos, de miseráveis e famintos é, em tal conceito, a condição necessária para o progresso do espírito e, por dedução, todo esforço no sentido de eliminar este regime é contrário às leis divinas e, em particular, à lei de causalidade espírita” (pág. 151).

Tese absurda que legitima todos os abusos e crimes, que induz à passividade ante as misérias e iniquidades sociais, que favorece a crueldade do egoísmo humano, que produz a alienação do homem ante as questões do mundo, realmente, se enxergássemos desta maneira, teríamos que concordar com Marx afirmando que não apenas as religiões são o ópio do povo, mas também o espiritualismo reencarnacionista que defende tais absurdos.

Porteiro expressa sua indignação com tal tese de conformismo e passividade ante as injustiças sociais: “Sustentar, do ponto de vista espírita, que o homem deve adaptar-se ao meio social, conviver com os interesses criados, com o egoísmo, as vilezas, os prejuízos e imoralidades e não combater as injustiças sociais, os males da sociedade, nem tratar de aliviar as dores e as misérias de seus semelhantes, suprimindo as causas imediatas que os produzem; dizer que cada um ocupa o lugar que lhe corresponde na sociedade e, por dedução, que há de deixa-lo nesse lugar; assegurar que o que sofre é porque fez sofrer anteriormente aos demais e necessita de sofrimento (com a conclusão lógica de que há de deixa-lo ou faze-lo sofrer) para purgar o mal feito; dar por originários de existências anteriores todos os males, todos os abusos, desmandos,

crimes, desigualdades e iniquidades que se contemplam no mundo, tratar de justifica-los e pensar que a sua condenação é contrária ao espírito e à moral da Doutrina espírita, significa mais que uma falsa interpretação, uma falta de lucidez na consciência dos que assim crêem e supõem” (pág.154).

Terminamos este capítulo com esta citação de Porteiro, a qual mostra de forma evidente o seu caráter humanista e engajado, essencialmente preocupado com as questões sociais, particularmente com a exploração do homem pelo homem, sendo que o ilustre espírita argentino nos deu um grande exemplo ao demonstrar que o Espiritismo não é e nem pode ser, jamais, uma doutrina que produz alienação frente aos problemas sociais do mundo.

CONCLUSÃO

Ao terminarmos o presente trabalho algumas conclusões se apresentam, no que diz respeito a diferença de entendimento sobre a relação entre Espiritismo e Socialismo, na ótica de Porteiro e Denis. Devemos, no entanto, ressaltar, que analisarmos a questão do socialismo marxista nos dias de hoje, após a queda do socialismo real e a desintegração da União Soviética é uma tarefa muito mais fácil, em razão da perspectiva histórica, do que aquela que foi enfrentada pelos escritores aqui estudados, os quais falaram sobre o assunto totalmente envolvidos pela época de maior prestígio das idéias socialistas.

Acreditamos que, se por um lado, Léon Denis conseguiu entrever com bastante capacidade alguns aspectos negativos da proposta marxista, como por exemplo, o problema da violência revolucionária e da estatização dos meios de produção, por outro, o grande pensador espírita francês, não deu, a nosso ver, o devido valor à importante crítica de Marx aos fatores econômicos que regem o sistema capitalista, o quais realmente induzem à exploração do homem pelo homem, apesar de não se constituírem no único fator que leva a este estado de coisas.

Já Porteiro, segundo nosso entendimento, pensou com acerto ao incluir a lei da causalidade espírita como um dos fatores preponderantes no processo de desenvolvimento social. No entanto, entendemos que se equivocou ao imaginar que a crise do sistema capitalista estava próxima, crise esta que ensejaria, naquele momento histórico, ao advento do sistema socialista, acreditamos que o pensador argentino, neste caso, foi influenciado pelo espírito de sua época.

Quanto à questão da revolução russa, a qual foi totalmente repudiada por Léon Denis, ficamos com a impressão que Porteiro tinha uma opinião favorável a ela, em razão de termos observado, neste trabalho, um elogio expresso a Lênin, o chefe dos revolucionários russos, o qual, segundo Porteiro, tratava-se de um homem genial a traçar novos rumos à humanidade.

No entanto, Porteiro e Denis ressaltaram o problema moral como um dos fatores fundamentais para a equação do problema social, neste sentido, entendemos que ambos pensaram com acerto, pois uma tendência da política contemporânea é justamente pensar apenas as instituições olvidando que são os homens individuais que as constituem com seus vícios e virtudes.

Ambos rejeitaram, igualmente, o materialismo das teorias marxistas enfatizando a importância do fator espírito imortal, o qual, através de sua atuação no mundo e de seus objetivos próprios, também pode influenciar o processo de evolução da sociedade, sendo assim, discordaram da tese do materialismo histórico, segundo a qual a consciência dos homens é absolutamente determinada pelo ser econômico e social do homem.

Notável é a lição de Porteiro sobre o falso conceito da lei da causalidade espírita, que é um verdadeiro alerta para todos aqueles espíritas alienados das questões do mundo, os quais buscam, somente nas explicações metafísicas, as causas de todos os problemas sociais.

Já a questão da violência revolucionária foi muito bem colocada por Denis, o qual enfatizou que um regime de justiça social não pode nascer do sangue derramado, esta questão realmente é

muito clara para todos nós que entendemos que a paz é um valor a ser respeitado por toda a humanidade.

No entanto, o problema da paz na história é extremamente complexo, quando consideramos que determinados regimes despóticos e autoritários só foram retirados do poder à força.

A própria revolução francesa é um grande exemplo disso, a qual proporcionou um grande avanço no campo das conquistas sociais, apesar da lamentável violência ocorrida em todo o processo revolucionário, portanto, não podemos deixar de reconhecer que este é um grande problema para a filosofia política e para as doutrinas humanistas em geral.

Talvez fosse o caso de pensar que existe um uso legítimo e ilegítimo da força, no entanto, devemos questionar, quem julgará a legitimidade ou a ilegitimidade de tal uso? Para os Estados Unidos da América é totalmente legítimo o uso da força no Iraque...

Quando pensamos neste assunto sempre refletimos sobre a atuação política de Gandhi, a qual pode ser uma alternativa para tão intrincada questão, no entanto, não temos condições de afirmar se tal modo de ação teria validade universal na solução de todos os litígios políticos e sociais entre opressores e oprimidos.

Finalmente, entendemos que tanto Porteiro quanto Denis foram brilhantes em suas análises, pois tiveram a coragem de enfrentar um tema tão delicado e relevante em seu período histórico.

Atribuímos mérito a ambos, pelo fato de que, com suas reflexões, mantiveram a doutrina espírita atualizada e sintonizada com sua época, tentando oferecer respostas aos problemas que o mundo lhe oferecia, o que se constitui em um grande exemplo para todos nós, espíritas da contemporaneidade, que não devemos, em hipótese alguma, nos isolar do mundo entretendo nosso pensamento apenas com as questões do além, mas, efetivamente, devemos pensar em melhorar o quanto possível a nossa bela escola terrena, onde neste breve momento da eternidade, vivemos, amamos e sofremos.

BIBLIOGRAFIA

AIZPÚRUA, JON. *O pensamento vivo de Porteiro – Homenagem ao fundador da sociologia espírita*. Trad. Leile F. Cacacci. 1ª Ed. Brás – São Paulo. C.E. José Barroso. 1999.

CARVALHO, Apolonio de. *Vale a pena sonhar*. 2ª Ed. Rio de Janeiro. Rocco.1997

DENIS, Léon. *Socialismo e Espiritismo*. Trad. Wallace Leal V. Rodrigues. 2ª Ed. Matão – S.P. O Clarim. 1987.

FURET, François. *O passado de uma ilusão - ensaios sobre a idéia comunista no século XX*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo. Siciliano. 1995.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. J. Herculano Pires. 61ª Ed. Brás- S.P. Lake. 2000.

LUCE, Gaston. *Léon Denis – O apóstolo do Espiritismo-sua vida-sua obra*. Trad. José Jorge. 1ª Ed. Rio de Janeiro – RJ. Celd. 1989.

MORAIS, Fernando. *Olga*. 16ª Ed. São Paulo – SP. Companhia das Letras. 1994.

PORTEIRO, Manuel S. *Espiritismo Dialético*. Trad. José Rodrigues. 1ª Ed. Brás – São Paulo. C. E. José Barroso. 2002.

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da Filosofia – Do Romantismo até nossos dias* – Vol. III. 5ª Ed. São Paulo. Paulus. 1991.